

**A Rádio Record de Paulo Machado de Carvalho:
Uma Nova Linguagem¹**

Prof. Dr. Antonio Adami (UNIP / UNITAU)²

RESUMO

Este trabalho trata da relação e importância da Rádio Record e do jornalista e empresário Paulo Machado de Carvalho para a comunicação no Brasil e para a cidade de São Paulo, em particular. Fundada em 1931 a Rádio Record tornou-se uma das mais importantes emissoras do país e uma Escola de rádio. Também a Rádio Panamericana, hoje conhecida como Jovem Pan, foi adquirida em 1944, com o intuito de tornar-se uma rádio esportiva e, até hoje, se mantém entre as líderes de audiência em São Paulo. Nosso trabalho portanto, trata do homem e sua história na comunicação: “O Marechal da vitória.”

Palavras-Chave: Rádio; Memória; História oral

¹ Trabalho apresentado ao NP 06 – Rádio e Mídia Sonora, do IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da XXVII INTERCOM

² ANTONIO ADAMI é Doutor pela FFLCH/USP, Coordenador do Programa de Mestrado em Comunicação da UNIP, Professor da UNITAU e faz pesquisas no grupo “Comunicação, Cultura e Memória”, junto ao CNPq
Endereço: Antonioadami@uol.com.br

Antes de evoluir o texto, gostaria de ressaltar que para escrever este trabalho recorri além do material já produzido sobre o veículo rádio no Brasil e a Rádio Record em particular, também às entrevistas realizadas com o senhor Paulo Machado de Carvalho Filho, durante os anos de 2003 e 2004, utilizando basicamente a metodologia da história oral como método científico, buscando a validade e autenticidade da memória como fonte histórica. Procurei explorar as relações entre reminiscências individuais e coletivas, que ao meu ver, indicam meios novos e empolgantes na tentativa de conseguir mais dados a partir da memória, para fins de pesquisa.

É impensável escrevermos sobre a cidade de São Paulo sem nos reportarmos ao Doutor Paulo Machado de Carvalho, dada sua inserção e importância na história da comunicação e na própria cidade. Advogado e empresário brasileiro, nasceu em São Paulo, no dia 9 de novembro de 1901. Formado na Faculdade de Direito de São Paulo, também estudou dois anos na Suíça. Em 1931 foi fundada a Rádio Record e a Associação das Emissoras de São Paulo, e, posteriormente a Rádio Jovem Pan, adquirida em 1944, passou a integrar o Grupo das Emissoras Unidas. Casou-se com Maria Luiza Amaral de Carvalho e teve três filhos: Paulo Machado de Carvalho Filho, Erasmo Alfredo Amaral de Carvalho e Antonio Augusto Amaral de Carvalho.

A Rádio Record, que se confunde e se entrelaça com São Paulo, possui uma história lírica, se pensarmos três amigos com pouco dinheiro chegando em uma casa de discos e, em uma sala, fios para todo lado, aparelhos enormes, enfim, não deixa de ser uma cena épica. A Rádio Record atravessou todas as mudanças porque passou São Paulo desde 1931, marcando uma época na história da radiodifusão brasileira. Nos anos 30 se torna “A Rádio da Revolução”, abrindo seus microfones para os constitucionalistas de São Paulo na Revolução de 32. Corajosos homens aqueles, que não faziam concessões e barganhas por interesses menores e valorizavam bem mais os companheiros, as idéias e o espírito criativo. Ao lado do Dr. Paulo Machado de Carvalho, estavam pessoas do nível do escritor Antônio de Alcântara Machado, que trabalhava na rádio gratuitamente na revolução, e escrevia

mensagens inflamadas para a voz de César Ladeira, sob o som da marcha, que se popularizou logo, “*Paris Belfort*”, era um chamamento, tornou-se um hino da revolução, por uma causa. A emissora não deixou faltar cobertores e agasalhos e tudo de que precisavam aqueles que entraram no movimento. Tudo isso era fornecido por empresas, com boa vontade e cumplicidade com uma rádio que representava os anseios da sociedade paulista. São de Paulo Machado de Carvalho as palavras:

“Quando acabou a revolução de São Paulo, com o governador Pedro de Toledo, nós não tínhamos um tostão em caixa e devíamos o diabo porque... para todas as fábricas de São Paulo. E aí São Paulo é grande; e aí São Paulo demonstrou que é São Paulo... Para todas as fábricas a quem nós solicitávamos cobertores, nós solicitamos lençóis, nós solicitamos tudo o que era possível mandar para as tropas que estavam na frente, todas as fábricas, todas... acabada a Revolução, se recusaram a receber. Mesmo porque nós íamos com a mesma calma e dizíamos:...não temos como pagar... Tudo o que nós tínhamos nós pusemos na Revolução constitucionalista. Mas valeu, valeu. O Brasil tá de pé até hoje por causa disso. O Brasil está de pé até hoje por causa de seus homens.”

Nicolau Tuma em entrevista transcrita por José Mauro Pires (2000)³ relata sobre a época:

“Mal eu chego à Record estoura a Revolução de 32. Eu quero contar um pouco da história de São Paulo daquela época. São Paulo de 32...68 anos passados...era uma cidade um pouco mais provinciana. Quer ver quanto tinha de habitantes na época...um milhão, novecentos mil habitantes...e ainda nós tínhamos certos costumes antigos...uma moça não saía sozinha à rua, não entrava num café, não podia entrar num restaurante e não havia boates. Então a cidade...como é que funcionava o encontro de moças e rapazes. Nas escolas, nos colégios, casas de família, reuniam-se grupos de moços e naturalmente sempre os estudantes estavam sempre privilegiados, convidados, que era uma forma de fazer a aproximação de rapazes e moças. Com isso acredito que se estabeleceram muitos namoros, muitos casamentos, porque foi a forma de se aproximar a mocidade. A gente se aproxima nas quermesses, nas festas paroquiais, festas de escola. No dia 8 de julho de

³ PIRES, José Mauro. *O Resgate da História do Rádio Paulista-AM até anos 60* (Dissertação de Mestrado). São Paulo, Programa de Mestrado em Comunicação da Universidade Paulista-UNIP, 2000

1932, eu mesmo participava de uma festa em casa de família, numa família do bairro da Bela Vista. Mas, naquele tempo a festa não ia até tarde não. Onze horas, onze e meia da noite a gente se despedia porque era do costume da época. Chego até a cidade, tomo um bonde e vou até a “prainha”, na avenida São João, e vi um movimento fantástico de soldados, carros militares. Eu perguntei: o que está havendo? Ah! É a Revolução... Como Revolução? ...É na Faculdade de Direito... Eu fui correndo para lá e de fato a Faculdade de Direito estava em ebulição, a minha escola de onde eu havia saído há menos de um ano. Enfim, conversei lá com alguns colegas e professores. Estava uma azáfama danada, corrida pra todo lado, soldados já com farda. Disseram... é a Revolução! Eu sempre fui do partido democrata, como estudante em 1930, quando as tropas entraram em São Paulo como se fosse uma terra conquistada... Mas não foi conquistada... É que aqui havia muitos desafetos de uma Revolução, querendo uma modificação dos costumes políticos e eleitorais. Então em 1930, eles julgavam ter conquistado São Paulo. E aquilo criou um espírito de revolta, e aquilo foi se agravando, até o estouro da Revolução de 1932.

Sobre o “incidente MMDC”, Nicolau Tuma diz que em maio de 32 ele não estava mais na Rádio Record, estava na cidade de Rio Claro e depois em Itirapina e lá organizou um comício condenando o fuzilamento dos moços na Praça da República, esquina com a Barão de Itapetininga. Não houve na época, invasão da Rádio Record. Ele relata que soube na época que os estudantes quiseram invadir o núcleo de um partido que era a favor da permanência de tropas aqui em São Paulo. Então os estudantes, como Getúlio Vargas havia se empossado militarmente do governo no Rio de Janeiro e havia prometido convocar eleição e nada de eleições, era tudo interventoria, e, interventorias militares não estavam afinadas com o espírito, a vida, com as tradições e a história de São Paulo, por aí foi se criando uma revolta, as classes dirigentes foram se reunindo, entendendo que não podia continuar aquilo.

Deste período todos os profissionais do rádio da época e pesquisadores da área são unânimes, ou seja, O Dr. Paulo Machado de Carvalho, João Batista do Amaral e o engenheiro Dr. Leonardo Jones, jogaram tudo na revolução. Estavam arriscando a perder tudo. A concessão era do Governo Federal, como até hoje, e eles arriscaram, se jogaram de

corpo e alma na campanha pela Revolução de 32, inclusive influenciando mesmo aqueles que estavam do lado de lá, o lado das forças chamadas legalistas. Essa sempre foi a marca do Dr. Paulo Machado de Carvalho, um apaixonado pelo que fazia, para alguns, um sonhador, mas sem dúvida um homem com o olhar no futuro.

O Doutor Paulo, como era conhecido também sempre foi um homem emotivo e um esportista fanático, tanto que quando adquiriu, em 1944, a Rádio Panamericana, sua “menina dos olhos”, de Oduvaldo Vianna e Júlio Cossi, rebatizada em 1965 de Jovem Pan, o Dr. Paulo, mesmo naquela época, já pensava em ter uma rádio segmentada, cobrindo esportes o tempo todo. Inovando sempre, seja nas transmissões futebolísticas, seja na evolução da reportagem, a Panamericana, foi a rádio que colocou pela primeira vez na história das transmissões futebolísticas, um repórter de campo atrás do gol, o que se tornou moda mundial. Hoje a Rádio Jovem Pan é administrada por seu filho o Senhor Antonio Augusto Amaral de Carvalho, o Tuta (72) e netos.

A forma de trabalhar do Dr. Paulo Machado de Carvalho foi sempre muito pessoal e entre amigos. Seus funcionários também eram seus amigos e, deixando um pouco de lado questões administrativas, ele foi sempre um homem com visão adiante do seu tempo. Seu filho Tuta, em depoimento para o livro “Jovem Pan: A Voz do Rádio” (2002)⁴, deixa bem clara sua própria forma de agir na Jovem Pan, o que nos parece muito próximo de como seu pai também tratava quem estivesse ao seu lado. De profunda formação religiosa, Tuta estudou no colégio São Luiz e se interessa pelos problemas de seus funcionários. Conversa com todos nas dependências da emissora e diz que acredita na força e perseverança das pessoas. Ele observa que o importante na vida é as pessoas se sentirem bem com o que estão fazendo. É estar bem com a família, com os amigos. Para ele o importante não é aparecer mas fazer e, mesmo quando as coisas não vão bem, é importante saber conviver com a adversidade. Segundo ele, aprendeu isto com seu pai, Dr. Paulo Machado de Carvalho, que enfrentou três incêndios na TV Record e, sem seguro, partiu das cinzas para reerguer tudo de novo.

⁴ ALVES DE FARIA, Álvaro. Jovem Pan: A Voz do Rádio. São Paulo, RG Editores, 2002

Voltando um pouco no tempo e, contextualizando o veículo rádio e sua importância na sociedade mundial, até para entendermos melhor a evolução da cidade de São Paulo, a partir dos anos 30, gostaríamos de lembrar aos leitores que o Rádio como veículo de comunicação de massa, surgiu nos Estados Unidos em 02 de novembro de 1920, quando a emissora KDK, da cidade de Pittsburg, na Pensilvania, transmitiu os resultados das eleições norte-americanas. No entanto a história pode não ter um registro absolutamente incontestável, pois as primeiras transmissões da palavra humana, foram realizadas no séc. XIX, pelo Padre Gaúcho Roberto Landel de Moura. Sobre o assunto o radialista e pesquisador Luiz Carlos Saroldi, relata o seguinte:

"Antes do discurso do Presidente Epitácio Pessoa, inaugurando no dia 7 de setembro de 1922, a Exposição do centenário da independência, na explanada do castelo, muita gente mais se interessou em implantar o rádio no Brasil, entre eles o Padre Roberto Landel de Moura. Gaúcho, estudou na Escola Politécnica do Rio de Janeiro e se formou em Roma em ciências físicas e químicas. Era um inventor nato e em 1893, em Campinas, S.Paulo, ele já construía aparelhos que assustava seus paroquianos, seus inventos foram patenteados em São Paulo, em 1900 e nos EUA em 1904. Tratava-se do telégrafo sem fio, o telefone sem fio e um transmissor de ondas sonoras, no entanto não levou a primazia desses inventos. Quanto à primeira emissora a ser fundada entre nós, menciona-se também a reivindicação do título de pioneira para a rádio clube de Pernambuco, que tem um registro datado de quatro anos antes da fundação da rádio de Roquete Pinto, 06 de abril de 1919. Mas se tratava ainda de pesquisas de recepção rádio/telefone e não radiofônica e só a partir de 1922 é que conseguiram transformar um transmissor radiotelegráfico em transmissor radiofônico."

No fundo, fora esta e outras discussões polêmicas sobre o tema, e, considerando a fala de Luiz Carlos Saroldi, Roquette Pinto foi mesmo o primeiro a ter fundado e posto para funcionar a primeira emissora de rádio no Brasil, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, que, como o rádio que conhecemos hoje, começou a funcionar somente em 1923.

Pensando em termos de São Paulo, nossa atenção se volta para a Rádio Record, fundada em 11 de junho de 1931, tornando-se o maior canal de comunicação da sociedade

paulistana daquele período, sendo inclusive, durante a revolução de 32, a “Emissora da Revolução” e, a voz do locutor César Ladeira, “a voz da revolução”, lendo ao microfone da rádio discursos de personalidades brasileiras contra Getúlio Vargas. Entretanto, antes da Record, já funcionava em São Paulo a SQIG – Sociedade Rádio Educadora Paulista, fundada em 30 de novembro de 1923. Foi inclusive nesta rádio que nasceu a transmissão de futebol como ouvimos hoje, com o radialista, na época, *speaker*, Nicolau Tuma. Ainda em 1923, em 17 de junho, surgia a Rádio Club São Paulo. Em 2 de maio de 1927, a Rádio Cruzeiro do Sul, PRB-6. Em 1933, nascia a Rádio Cultura, PRE-4. Em 17 de agosto de 1934, surgiu a Rádio Kosmos, PRE-7. Em 24 de novembro de 1934, inaugurou-se a Rádio Difusora São Paulo, PR-F 3. Ainda em 1934, na rua 7 de Abril, nasceu a Rádio São Paulo PRA-5, uma das primeiras a segmentar a programação. Em 3 de setembro de 1937, foi inaugurada a Rádio TUPI de São Paulo PRG-2, a mais poderosa emissora de rádio de São Paulo.

Fiz um levantamento destas emissoras e datas até a chegada da Tupi - obviamente muitas outras grandes emissoras surgiram, muitas sem nenhuma responsabilidade social e sem noção do que seja um grande veículo de comunicação e seu papel educativo, cultural informativo, etc., pois foi na Tupi que a comunicação brasileira deu um grande salto, seja em linguagem, seja em profissionalismo, seja na exploração do mercado que se abria para o veículo, por exemplo o programa “Cinema em Casa”, que começou na Rádio Difusora e continuou na Tupi, dirigido por Walter George Durst. No entanto, foi a Record que possibilitou os caminhos que a radiofonia iria trilhar. Acreditamos, inclusive, que o próprio Assis Chateaubriand, impressionado com o poder da Rádio Record de atingir o ouvinte, e com uma maneira paulista de transmissão, já fazia seus planos para a rádio Tupi e a Rádio Difusora. Segundo depoimento do Dr. Paulo, o próprio Assis Chateaubriand, trabalhou na Record:

“O primeiro jornal falado da Record foi feito pelo doutor Assis Chateaubriand, que naquele tempo era dono do Diário de S. Paulo. Ainda não existia a Rádio Tupi. O Chateaubriand foi me visitar um dia lá na Praça da República. Começou a mexer em tudo, pedia informação. Ele achou tudo sensacional. Então ele fez um jornal bem ao seu estilo. Tudo opinativo, porque não havia noticiário. Chateaubriand fez o jornal por alguns dias.

Ele sempre dizia: “O que vai acontecer hoje na casa de Mefistófeles?” No fundo, o Chateaubriand achava o rádio uma coisa deslumbrante, mas também uma coisa de louco. Foi, na verdade, um grande visionário. Um dia Chateaubriand se despediu de mim e disse:

“Olha, Paulo, isto que a gente está vendo aqui é o início de uma grande transformação que vai acontecer no mundo inteiro. Na minha opinião, no futuro estas coisas vão progredir de tal maneira que vão surgir aparelhos de rádios pequeníssimos, como uma caixa de fósforos. As pessoas vão andar na rua com os rádios junto aos ouvidos, ouvindo notícias. Vamos chegar ao rádio de lapela. Os jornais impressos estarão sempre atrasados. Eu temo pelos jornais.”

Dito e feito! Em 3 de setembro de 1937, após festiva inauguração, abrem-se os microfones da Rádio Tupi, com toda a pompa e presença de autoridades, entre elas o Governador do Estado de São Paulo, Dr. Cardozo de Melo Neto. A atenção de todo o Brasil se voltava para a emissora que se instalava no edifício dos Diários Associados, na rua 7 de abril. A sua direção artística primeiramente esteve ao encargo de Souza Lima, depois Armando Bertoni e finalmente Dermival Costa Lima. Sob sua direção é que a poderosa Rádio Tupi compra a Rádio Difusora e ocorre a mudança para o Sumaré. Chamada "a cidade do rádio", o Sumaré ficava a seis quilômetros do centro de São Paulo. Em pouco tempo os negócios se expandiram e foi aí que a Tupi comprou a Rádio Difusora. Os difusorianos, a princípio não gostavam da idéia de trabalhar para o Chateaubriand, mas o tempo provou que a Tupi era mais do que uma aventura, um capítulo a parte na história das comunicações no Brasil.

Entretanto, assim como Chateaubriand bebeu um pouco da seiva da radiofonização da Record, outros grandes profissionais também contribuíram para a construção desta grande emissora, artistas e técnicos, escritores e diretores, o que, sem dúvida, fez desta emissora a grande precursora da história do rádio de São Paulo e do Brasil. Com programação rebuscada para a época -anos 30- mais irreverente que a Rádio Educadora, estava construindo uma nova linguagem. O rádio em São Paulo, enquanto veículo de

massa, com suas especificidades e características, começou com a Record, que inclusive, nos anos 30, o Dr. Paulo Machado de Carvalho já pensava em torná-la estadual e nacional.

O Dr. Paulo Machado de Carvalho, nos deixa um depoimento épico, gravado no material produzido pelo serviço brasileiro da BBC de Londres, em 1989, onde narra assim sobre o nascimento da Record:

"Em 1931 acabava eu de desmontar uma empresa de luminosos. Nessa ocasião existia um senhor que tinha uma casa de discos que se chamava Record. Junto com a casa de discos ele tinha a Rádio Record montada, embora não funcionando. Era o senhor Álvaro Liberato de Macedo. Então ele me ofereceu a rádio Record. Eu nem sabia o que era aquilo e em três resolvemos ver o que era esse negócio que chamavam de rádio e que emitia uns sons. Um negócio muito difícil de se ouvir. Então nós fomos até a Praça da República, dezessete, para ver o que era esse negócio que chamava-se rádio... Assim, era nesse terreno que estava a rádio Record, sendo que já existia em São Paulo, funcionando, a Rádio Educadora Paulista. Fomos à Praça da República, 17, abriu-se a porta e viu-se uma sala cheia de cadeiras, um negócio grande que chamavam de microfone, uma porção de fios pendurados e amarrados e um piano (...) Então nós vimos aquilo, não sabíamos bem o que era e começamos a estudar o negócio. E o então dono, que era o Sr. Álvaro Liberatto de Macedo, disse: -Olha, eu quero me livrar disso e da casa de discos também. A casa de discos vocês não querem. Então eu quero me livrar disso, eu vendo por qualquer preço, em qualquer condição. E, se não me engano, precisamente eu não posso dizer, mas a rádio Record foi adquirida por qualquer coisa como quinze mil cruzeiros, entrando o "seu" João Amaral com cinco, eu com cinco e Jorge Alves de Lima, com cinco. Aí começou... começamos a pensar como funcionava aquilo. É preciso que se tenha uma idéia que em 1931, não existia aparelho de rádio, existia aquele de galena. Então veja que o sujeito além de ter uma pseudo-estação, que mal funcionava e mal saía som, ainda ia prá casa com um aparelho, que chamavam naquele tempo de galena: era um aparelho grande, e que tinha um pêndulo, digamos assim, com um metalzinho na ponta, encostava-se num cristal e por ali se ouvia mal e mal alguns sons que eram emitidos. (...) Eu sou obrigado a citar como um início que eram quase que duas pessoas, nos primeiros dias, que

trabalhavam naquilo; eram eu e essa moça que ...chamavam...depois, veio a se chamar Elizabeth Darcy⁵, e que era Natália Perez da Fonseca.” (...) Mas quando nós estávamos arrastando os primeiros passos, apareceram os primeiros homens para nos ajudar. Não vou dar em ordem, mesmo porque me falharia a memória se eu desse em ordem(...) mas eu me lembro que da primeira leva, chamemos assim, que compareceu, faziam parte um Raul Duarte, César Ladeira...depois foram aparecendo, esse menino...o Renato Macedo, o Nicolau Tuma, e vultos que ainda andam por aí, graças a Deus. E assim se deu o início da Record”

Como um homem emotivo que era, o Dr. Paulo Machado de Carvalho se lembra com muita saudade daqueles tempos dos anos 30 e de pessoas como Otávio Gabus Mendes, Oswaldo Moles, Raul Duarte, Natália Peres da Fonseca – mãe de Sílvio Luiz - , Nicolau Tuma, César Ladeira, Renato Macedo e tantos outros. No início ele mesmo fazia de tudo para a Rádio Record estar no ar, todos os dias, de domingo a domingo, era telefonista, discotecário, arquivista, dava recibo, tirava fatura. Ele dizia, em meados dos anos 80, que quando entrava nos estúdios da Jovem Pan, ficava atordoado em ver tantos botões, gravadores, fitas, rolos, equipamentos modernos, relógios automáticos, quatro, cinco seis microfones, luzes que acendiam e apagavam. No tempo dele não era assim não. Não tinha nada disso, era tudo no peito. Era quase tudo por sinais. Eles levantavam o dedo e diziam: “agora é sua vez”. E funcionava, saía tudo certinho.

Algo que deixava o Dr. Paulo Machado de Carvalho chateado, segundo ele próprio, era a qualidade musical da atualidade –se referia aos anos 80-. Ele dizia que os programas musicais de antigamente eram muitíssimo melhores do que os de agora. Talvez melhores não pela perfeição na reprodução de uma gravação, mas pelo esforço que se fazia. Segundo ele, tinham um único estúdio na Praça da República, onde seu amigo, o maestro José Torres e o maestro Belardi, passavam óperas completas, com orquestra e cantores próprios, coisa que hoje seria impossível fazer. O detalhe é que o estúdio da Record era pequeno, uns cinco

⁵ Elizabeth Darcy, foi uma veterana locutora e apresentadora de rádio e TV. Precursora das apresentadoras

metros, por uns oito metros, por uns dez metros, então abria-se todas as portas das salinhas da emissora, os músicos iam se acomodando e tocavam óperas completas. Essa era a beleza do rádio de antigamente.

Sempre atento às mudanças que a tecnologia radiofônica passava e apaixonado pelo veículo rádio, principalmente os anos de maior criatividade, onde o locutor desenvolvia quase todos os papéis, O Dr. Paulo dizia que os jingles que usamos hoje para vários momentos na programação radiofônica, como vinhetas de abertura, de saída, de deixa de repórteres, naquele tempo, do início da Record, tudo era feito pelo próprio locutor. Foi um estrondo quando apareceu o primeiro anúncio musicado. Nos conta ele que o locutor César Ladeira dedilhava cinco ou seis notas ao piano e dizia: “Escatamáquia”, o calçado que você deve usar.” O único jingle de 1931.

Poderíamos escrever ainda muito e não esgotaríamos estas “Mãos que Construíram São Paulo”, neste texto, relacionando Paulo Machado de Carvalho com a cidade. Para fecharmos então, o relacionamos com o maior amor do brasileiro: o futebol. Como dissemos, fanático por esportes, ele foi chefe da delegação que deu o título mundial de futebol ao Brasil, na Suécia em 58, e no Chile em 62. Entrou para a história como: “O Marechal da vitória”. Sem dúvida um grande nome paulista e da história do rádio no Brasil.

Referências Bibliográficas:

ALVES DE FARIA, Álvaro. *Jovem Pan: A Voz do Rádio*. São Paulo: RG Editores, 2002

LONGHI, Carla Reis. *Mãos que Fizeram São Paulo*. São Paulo: Celebris, 2004.

MORAES FERREIRA DE, Marieta et AMADO, Janaína (orgs). *Usos & Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001

PIRES, José Mauro. *O Resgate da História do Rádio Paulista-AM até anos 60* (Dissertação de Mestrado). São Paulo: Programa de Mestrado em Comunicação da Universidade Paulista-UNIP, 2000.

